

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PRODUÇÃO DE COMENTÁRIOS NARRATIVOS NO BLOG *PAPO DE AMIGA* DA REVISTA *CAPRICHÔ*

Gislaine Gracia Magnabosco*

Recebido: 12 ago. 2011

Aprovado: 7 out. 2011

*Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá. Professora do Centro Universitário Filadélfia (UniFil – Londrina). Londrina, PR, Brasil. E-mail: gigracia@hotmail.com

Resumo: Este trabalho analisa como as adolescentes, diante de uma postagem que retrata temas familiares, produzem textos narrativos visando relatar uma vivência semelhante à da postagem. Pretendeu-se, assim, analisar se os comentários publicados no Blog *Papo de Amiga*, da Revista *Capricho*, são produções coerentes e quais estratégias linguísticas foram utilizadas para construir as narrativas: se há predominância ou não do Internetês, se e quais elementos coesivos foram empregados e se retomam outros dizeres (intertextualidade e polifonia), entre outros. Por meio da análise realizada constatou-se que os relatos de experiência vivida são, realmente, textos dotados de sentido, uma vez que, não só atendem às determinações do contexto de interação, mas, igualmente, aos propósitos comunicativos das produtoras. Nesse sentido, defende-se a utilização do blog como uma ferramenta auxiliar e potencializadora para o ensino e aprendizagem da produção textual.

Palavras-chave: Blog. Linguística textual. Narração. Texto.

CONSIDERATIONS ABOUT THE PRODUCTION OF NARRATIVE COMMENTS ON THE BLOG *PAPO DE AMIGA* OF *CAPRICHÔ* MAGAZINE

Abstract: This study sought to verify how the teenager girls, standing before a postage that depict familiar themes, produce narrative texts in order to report an experience similar to the postage. The intention is therefore to analyze if the comments published in the Blog *Papo de Amiga* from *Capricho* magazine were consistent productions and which language strategies these producers used to build their narrative: if there was predominance of the Internet language or not, whether and which cohesive elements where employ, if incorporate other sayings (intertextuality and polyphony), among others. Through the analysis it was found that the reports of experience are really texts endowed with sense, since not only attend the stipulations of the interaction context, but also the communicative purposes of the producers. Thus, advocates the use of the blog as an auxiliary and impulsive tool to the teaching and learning of textual production.

Key words: Blog. Textual linguistics. Narration. Text.

INTRODUÇÃO

Advindo de parte da dissertação de mestrado da autora (MAGNABOSCO, 2011), este trabalho busca, de maneira geral, verificar como as adolescentes, estando diante de uma postagem que retrata temas familiares, produzem comentários narrativos visando relatar uma vivência semelhante à da postagem do blog.

Para tal, selecionou-se o blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho*. Esse blog foi selecionado não só por vincular-se a uma revista de grande circulação nacional, mas também por ser um blog que, como o próprio nome sugere, busca criar um espaço no qual as adolescentes escrevem para dividir, pedir conselhos, desabafar, pois, de acordo com o blog, “ali haverá sempre alguém pronta para ouvir e ajudar”. Nota-se, pelo comentário, que o blog *Papo de Amiga*, ao abordar temas vividos e relacionados ao cotidiano das adolescentes, coloca-se como um espaço propício para o diálogo e, se considerarmos a grande participação das adolescentes nas interações digitais propostas, atinge sua meta.

Dentre os vários comentários publicados no blog, optamos por analisar as produções relacionadas à temática “Adolescentes e suas relações familiares”, principalmente por ser uma temática menos usual no blog e que, quando aparecia, muitos comentários eram produzidos, instigando-nos a analisá-los.

Adotamos, assim, os seguintes objetivos específicos: 1) analisar se os comentários publicados no blog *Papo de Amiga* da Revista *Capricho* eram produções coerentes e 2) quais estratégias linguísticas essas produtoras utilizavam para construir sua narração.

Para contemplarmos tais objetivos realizamos um estudo descritivo de abordagem qualitativa e de natureza básica e partimos da concepção de texto como resultado de uma atividade verbal, intencional e interacional de indivíduos socialmente atuantes (KOCH, 2003) e de blog como *hipergênero constelar* (MAGNABOSCO, 2010)¹:

Ao conceituarmos o blog como um hipergênero, o entendemos como um gênero virtual ou digital que, por alocar-se em um software hipermidiático, se configura como um gênero híbrido, formado pela junção (sobreposição) de outros gêneros (materializados ora explícita ora implicitamente por meio de links) que convergiriam, coerentemente, para sua constituição formal, funcional e interacional. Neste sentido, entendemos que o blog seja formado a partir: 1) do post inicial (que por sua vez traria uma diversidade de gêneros: depoimentos, desabafos, contos, comentários, reportagem, entre outros); 2) dos links dos comentários (que, também, podem trazer uma diversidade de gêneros: debate, discussão, conversa, opinião); 3) dos links que levam a outros sítios (como ao perfil do (a) mantenedor (a) do blog; a links patrocinados, ao blogroll, aos posts anteriores, links para contato, links de imagens (animações, vídeos), entre outros); que, se conectariam, para formar um único gênero. (MAGNABOSCO, 2010, p. 07)

¹ Em um trabalho anterior buscamos mostrar que a heterogeneidade conceitual do blog (ora visto como diário online ora como suporte textual) não consegue contemplar as práticas da blogosfera. Assim, após uma longa explanação, optamos por conceituar o blog como um *hipergênero*.

Além disso, dada a heterogeneidade de blogs existentes que, mesmo divergindo em relação às temáticas e interesses, mantêm traços estáveis que permitem irmaná-los (como, por exemplo, a estrutura composicional, seu contexto de uso, a escrita mais subjetiva e menos monitorada, o compartilhar de pontos de vistas, a interação por meio de links, entre outros), consideramos que o blog seja um hipergênero organizado em constelação.

Araújo (2010) utiliza esse termo para analisar os chats da web. Para ele, um gênero organizado em constelação, seria um gênero maior ('gênero mãe') a partir do qual outros 'gravitariam'. Assim, embora divergissem em suas respectivas funções sociais, esses gêneros seriam cognatos, uma vez que trariam marcas do 'gênero mãe', o que os tornariam membros de uma mesma constelação genérica, entendendo por constelação um conjunto de gêneros que são irmanados pela relação genérica que existe entre eles, ou seja, todos pertencem à mesma família e, por isso, são variedades de um único gênero que, por ser complexo, atende a propósitos comunicativos distintos. "[...] O fato de serem membros de uma constelação, no entanto, não tornam homogêneos esses gêneros. Cada um possui seu 'brilho' próprio e atende a uma função social distinta" (p. 04).

O conceito de blog como hipergênero constelar foi fundamental não só para compreendermos a estrutura e o funcionamento do blog *Papo de Amiga*, mas, principalmente, o porquê da variedade dos gêneros textuais² utilizados pelas produtoras para confeccionarem seus comentários: por ser um *hipergênero constelar*, o blog permite, em um mesmo espaço, a materialização de diversos gêneros que, embora distintos, conseguem contemplar os objetivos comunicacionais das autoras: agir sobre o outro, persuadindo-o à adesão de determinada tese, ação, entre outros.

O CONCEITO DE GÊNERO E O CONCEITO DE SEQUÊNCIA TEXTUAL

O estudo dos gêneros discursivos/textuais tem como base os trabalhos de Bakhtin. Para o autor russo, cada campo de utilização da língua "elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados os quais denominamos *gêneros do discurso*" (BAKHTIN, 2003, p. 262). Desta forma, todo exemplar de texto observável pode ser considerado como pertencente a um determinado gênero (BRONCKART, 1999, p. 73) que, por moldar nosso dizer,

² Na análise dos comentários do blog *Papo de Amiga* encontramos a constância de três gêneros para a exposição da opinião: o comentário narrativo, o comentário prescritivo e o comentário argumentativo. Neste trabalho, focaremos apenas o comentário narrativo.

condiciona nossas escolhas seja sob o ponto de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas (MARCUSCHI, 2008).

Para Travaglia (2002a), todo dizer, seja oral ou escrito, não se realiza fora de um gênero e este fora de um elemento tipológico, que determina ou sobredetermina uma série de elementos na formulação do texto enquanto tal. Portanto, podemos entender a organização linear do texto como o resultado da combinação e da articulação de diferentes tipos de sequências, identificadas como “formas de organização lingüística, em número limitado, com as quais são compostos, em diferentes modalidades, todos os gêneros textuais” (BRONCKART, 1999, p. 250).

Contudo, é preciso ter claro que não existem tipos puros, já que, na realidade, um texto se define como de um tipo por questão de dominância (TRAVAGLIA, 2002b). Neste sentido, toda definição e classificação de gêneros que tem como critério de agrupamento as modalidades recorrentes de composição (sequência ou tipos textuais), agrupam-nos tendo em vista a sequência/tipo que representa o esquema fundamental do texto. Como comenta Bronckart (1999, p. 257).

É esse procedimento de classificação indireto que parece ser utilizado quando se fala de gêneros narrativos ou gêneros expositivos. Tais classificações se realizam, de fato, por reagrupamento dos diversos gêneros que têm como tipo principal, no primeiro caso, a narração e no segundo, o discurso teórico monologado. É esse mesmo procedimento indireto que parece atuar quando se fala em gêneros argumentativos ou em gêneros explicativos gerando-se uma classificação por reagrupamento dos gêneros saturados de sequências argumentativas ou de sequências explicativas.

Vistas, então, como estratégias utilizadas para organizar a linguagem, atravessando todos os gêneros para lhe constituir (BONINI, 1999) e organizar internamente (MARCUSCHI, 2008, p. 156), as sequências ou tipologias textuais têm, para Bronckart (1999), um estatuto fundamentalmente dialógico uma vez que seu uso é baseado em decisões interativas, orientadas tendo em vista as características particulares de cada sequência, as representações sobre os destinatários e sobre o fim que se persegue.

O GÊNERO NARRATIVO: O COMENTÁRIO (RELATO) DE EXPERIÊNCIA VIVIDA

Um dos gêneros utilizados no blog *Papo de Amiga* para expressar a opinião e, por meio dele, agir sobre o outro, persuadindo-o à adoção de determinada verdade e/ou ação, é o gênero comentário (relato) de experiência vivida.

Embora seja constituído, predominantemente, por sequências narrativas, este gênero consegue, por meio do relato ali materializado, expor, implícita ou explicitamente, o horizonte axiológico do produtor, levando, por meio dos prolongamentos futuros da enunciação, à conclusão pretendida.

Como todo gênero permeado por sequências narrativas, o comentário (relato) de experiência vivida é marcado pela temporalidade e tem como foco “a representação, pelo discurso, de experiências vividas, situadas no tempo” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 51). Nele há o predomínio de sequências estruturadas em ordem cronológica “que apresentam uma sucessão temporal/causal de eventos [...] entre [os] quais ocorre algum tipo de modificação de um estado de coisas” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 63).

É por isso, então, que são constituídos de verbos que indicam processo ou ação, advérbios de tempo e lugar, conjunções (ou operadores organizacionais (MARCUSCHI, 2008) como depois que, em seguida, por fim, entre outros, que auxiliam na sequenciação e ordenação dos fatos narrados.

Resumidamente, as principais marcas linguísticas deste gênero encontradas nos comentários do blog são:

Principais marcas linguísticas	Exemplos ocorridos nos comentários do blog
Organização em primeira pessoa (singular ou plural). Essa marca de autoria revela-se na pessoa do verbo e nos pronomes utilizados.	<i>“Eu perdi o bv aos 6 anos com o garoto mais bonito da minha sala [...]”</i> ³
Utilização de advérbios de tempo e lugar, articuladores textuais que contribuem para a organização e sequenciação das ações.	<i>“[...] ficamos mais ou menos umas 2 semanas conversando bem pouco [...] Depois de uns três meses sem ir lá [...]”</i> ⁴
Marcação das sensações, impressões do sujeito relator.	<i>“meus pais se separaram faz um tempo, no começo eu achei bem chato, mas depois eu achei beeem melhor [...]”</i> ⁵
Introdução de falas (seja por meio do discurso indireto ou direto - marcado por recursos como: dois pontos, aspas).	<i>“[...] vô bem na escola, arrumo meu quarto (99% das vezes) MAS o que minha mãe sempre fala??!! “É SUA OBRIGAÇÃO!” [...]”</i> ⁶ <i>“[...] minha mãe sempre falou: É SEMPRE MELHOR SABER AS COISAS DA SUA BOCA DO QUE DA BOCA DOS OUTROS! [...]”</i> ⁷
Apresentação de marcas do diálogo do relator com o interlocutor.	<i>“[...] Poxa acontece isso comigo tb a minha irmã mais velha faz de tudo para min ficar pra baixo sabe? [...]”</i> ⁸ <i>“[...] desagradável sim, mais fazer o q né. [...]”</i> ⁹

Fonte: Autoria própria.

Por possibilitar o compartilhar de histórias, sentimentos e perspectivas, é um gênero muito utilizado no blog, tendo em vista que, pelo seu uso, as adolescentes conseguem não só comentar a postagem, deixando transparecer se concordam ou não com ela, mas, igualmente, expressar sua experiência (argumento mais forte para a validação do seu ponto de vista).

³ Post **Minha mãe me pressiona para eu perder o BV** (05/02/2010 às 11:59).

⁴ Post **O pai da minha amiga quer que agente se separe** (23/07/2010 às 11:45).

⁵ Post **Meus pais brigam muito e acho que eles vão se separar** (29/09/2009 às 18:43).

⁶ Post **Minha mãe não me da liberdade** (06/08/2009 às 11:38).

⁷ Post **Como contar para os meus pais que eu estou namorando?** (23/11/2009 às 17:34).

⁸ Post **Minha irmã me põe para baixo** (05/05/2010 às 19:33).

⁹ Post **Como contar para os meus pais que eu estou namorando?** (23/11/2009 às 17:34).

Vejamos dois comentários que falam sobre a relação pais-namoro:

(1)

Como contar para os meus pais que eu estou namorando?

Postado por Fernanda Bastos em 23-11-2009 às 17:34

Essa dúvida eu já recebi de monte. Parece que bastante gente se atrapalha para contar para os pais que está namorando. É também o caso da I.:

“Estou namorando há um mês, mas até agora não contei para a minha mãe. Minha irmã começou a namorar na mesma época que eu e contou, agora minha mãe vive no pé dela. E agora? Como conto que a filhinha dela cresceu?”

[...]

Táah •••

01/12/2009 • 17:52

Boom, minha mãe sempre falou: É SEMPRE MELHOR SABER AS COISAS DA SUA BOCA DO QUE DA BOCA DOS OUTROS! Desde os meus 12 anos , fico e não fico com um menino do condomínio. Quando fiz 13 aninhos , ele estava com 16. Ele me pediu em namoro. O problema é que eu sempre soube que ele é sem vergonha, galinha sabe? Mas mesmo assim eeu aceitei (decidi dar uma chance) ! Como os pais dele já foram em casa , na casa de praia (no final do ano) e eu vivia na casa dele (por causa da irmã dele) seria mais fácil contar ! Não aguentava olhar para a minha mãe com a NOTÍCIA entalada na garganta! Contei primeiro para a minha vó, e depois eu fui direta: MÃE, EU PRECISO TE CONTAR UMA COISA. EU ESTOU NAMORANDO . No começo ela não acreditou, fez mil perguntas, a ficha não tinha caído ainda. Mas depois ela aceitou normal.Apoiou mesmo sabe? De me levar na casa dele! Maaaas, como eu disse: ele não presta, eu terminei com ele na segunda semana (me deu um BOLO e foi pro shopping com o amiigo e com algumas meniinas) . Mesmo assim, não me arrependo de nada, se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo !

Brenda Cerqueira • Salvador • BA • 15

24/11/2009 • 19:28

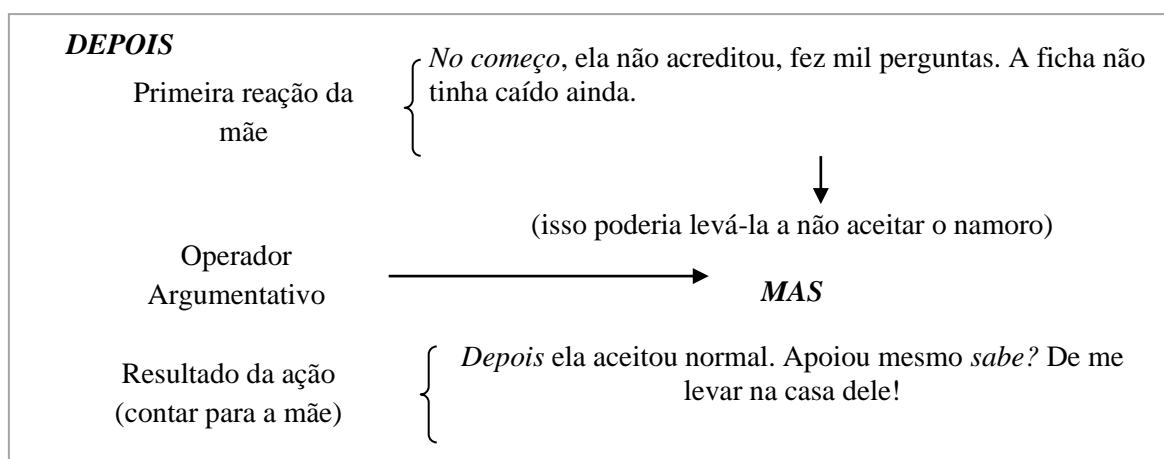
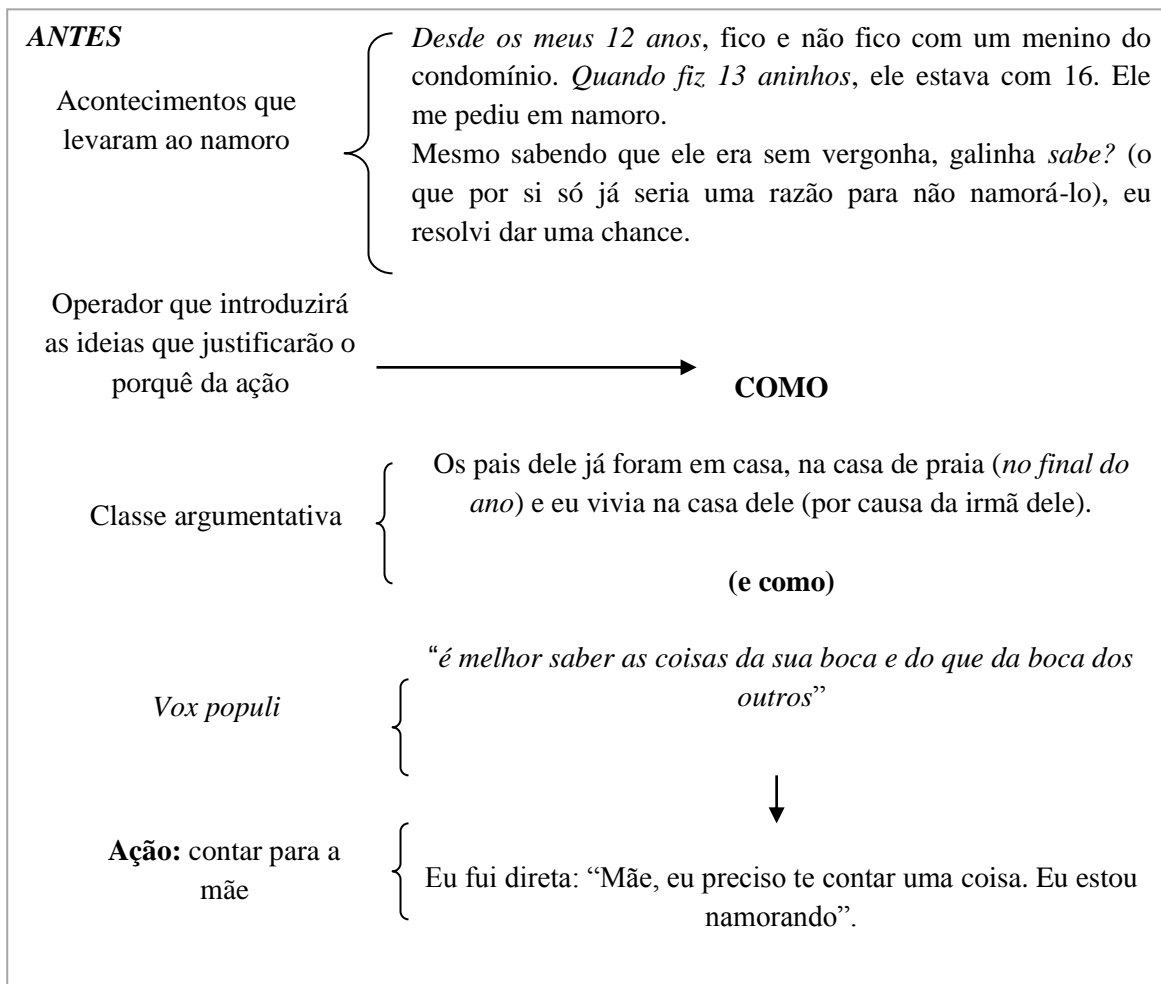
Adorei a matéria, no meu caso contar q estava namorando foi o fim do mundo, eu falei na lata mesmo, mais a reação deles não foram das melhores... eles me proibiram de ver o garoto, tiraram o pc do meu quarto, tomaram meu celular, me fiscalizavam na escola, etc... Foi muito desagradavel, e até hoje (2 anos depois) não tenho a confiança deles pra absolutamente nada! Claro q eu não deixei de viver, de ficar com os carinhas... mais dessa vez é TUDO ESCONDIDINHO. Eles realmente não conseguem entender q eu cresci .-. E sinceramente, eu já desisti de mostrar pra eles q eu não sou mais criança! deixa pra lá, eu vivo minha vida, e eles a deles, desagradavel sim, mais fazer o q né, nem tudo é como agente quer, sonho ainda com o dia q eles me apoiem ... ;x

No comentário da Taah, percebemos que, para conseguir construir um texto que demonstre seu posicionamento e, assim, persuadir o leitor a contar para a mãe sobre o namoro, ela opta, inicialmente, por evocar um enunciado da *vox populi*: “*é sempre melhor saber as coisas da sua boca do que da boca dos outros!*”.

É pela evocação desse enunciado, que se configura como uma autoridade polifônica, que Taah estrutura e constrói um texto buscando não só relatar uma experiência vivida dentro desta temática, mas utilizar tal experiência como um plano para persuadir o leitor a adotar a ação sugerida: contar tudo para mãe e contar diretamente (utilização de um discurso direto): “*eu fui direta: Mãe eu preciso te contar uma coisa. Eu estou namorando*”. Ao utilizar a forma do discurso direto, a adolescente não só reforça a sugestão do contar, mas, também, sugere o modo pelo qual a I. deve realizar tal ação.

Essa tentativa de persuasão é estruturada textualmente por meio de uma narrativa *dialogada* com a utilização de marcas de diálogo com o interlocutor, por exemplo, o uso do marcador discursivo “*sabe?*”. O texto apresenta a sucessão dos acontecimentos *antes* do compartilhar dessa *novidade*, destacada por meio da caixa alta no termo *notícia*, e *depois* que a mãe já partilhava do acontecimento.

O relato é organizado para demonstrar essa sucessão de acontecimentos por meio dos marcadores temporais *desde, quando fiz, no final do ano, primeiro, no começo, depois, segunda semana*, e por uma classe argumentativa. Essa organização, por se basear na *vox populi*, consegue apresentar argumentos que, por serem provenientes de um fato vivido, se tornam fortes razões para fazerem com que as outras leitoras compartilhem do posicionamento e da conclusão pretendida: *conte tudo para sua mãe*:



Pelo seu comentário, conseguimos perceber que Taah busca demonstrar que a decisão que tomou suscitou ótimos resultados: a mãe aceitou e apoiou o namoro, portanto é uma ação passível de ser repetida em situações similares.

Além disso, no final do seu texto, Taah mostra que não sentiu arrependimento por ter contado para a mãe, mesmo com o fim do namoro (“*mas, como eu disse: ele não presta, eu terminei com ele na segunda semana*”), pois, como ela mesma diz: “*faria tudo de novo!*”. Reafirma-se, assim, a validade da ação implicitamente sugerida no seu relato.

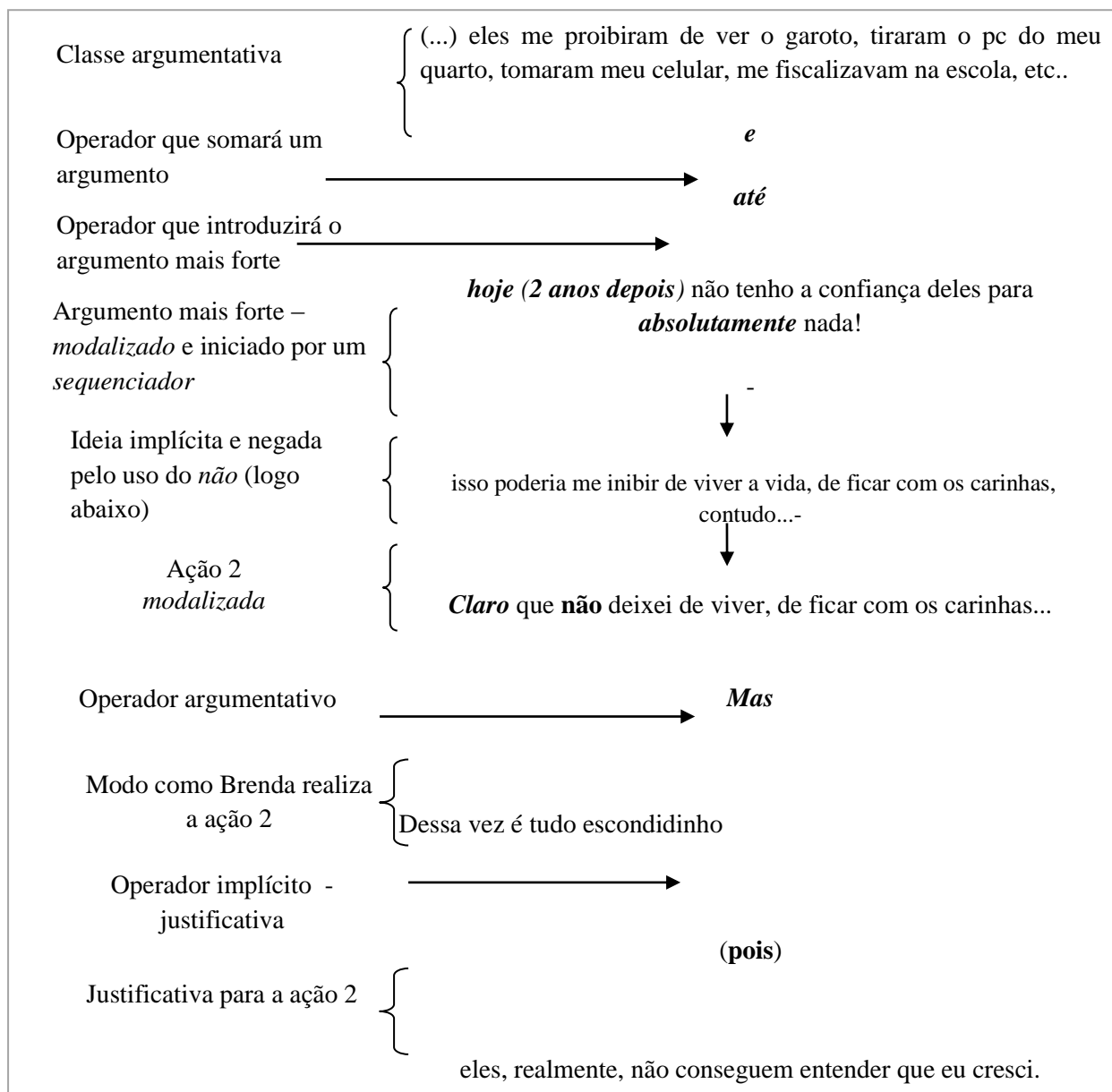
Já o outro comentário busca persuadir o leitor a *não contar para os pais*. Tal posicionamento é justificado por meio de um relato que expressa uma experiência mal sucedida: “*no meu caso, contar que estava namorando foi o fim do mundo*”.

Brenda, então, explicita o porquê desta afirmação, comentando que, ao contar para os pais (“*na lata mesmo*” – ação 1), eles não responderam positivamente: “*eles me proibiram de ver o garoto, tiraram meu o pc do meu quarto, tomaram meu celular, me fiscalizaram na escola, etc...*”, por isso, hoje, “*faz TUDO ESCONDIDINHO*” (ação 2, enfatizada pelo uso da caixa alta).

As razões que a levaram a agir de tal forma são apresentadas, principalmente, pelo uso de dois recursos: classe argumentativa e operadores argumentativos, como mostramos no quadro seguinte.

Por meio do seu texto, conseguimos perceber que a produtora não está satisfeita com o seu atual comportamento (“*desagradável sim, mas fazer o que, né?*”), mas, tendo em vista a não compreensão dos pais (“*eles, realmente, não conseguem entender que eu cresci*”), ela acaba por se conformar com a situação, apresentando tal conformismo por meio de uma intertextualidade de conteúdo¹⁰ que também retoma uma *Vox populi*: “*nem tudo é como a gente quer*”.

¹⁰ Entre os textos que circulam em nossa sociedade, poderíamos ilustrar essa intertextualidade de conteúdo pela música *Não olhe para trás* (Capital Inicial): “*nem tudo é como você quer, nem tudo pode ser perfeito, pode ser fácil se você ver o mundo de outro jeito*”. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/capital-inicial/88462>>.



Além disso, Brenda busca justificar seu comportamento utilizando para tal uma polifonia de enunciadores expressa pelo uso do *não* em: “*eu não sou mais criança*”, validade por um *topos* (“*a maturidade permite o livre-arbítrio de agir*” – quanto mais maduro, maior a liberdade de agir (como quiser); quanto menos maduro, menor a liberdade de agir):

Polifonia de Enunciadores

E1 (pais): Brenda é ainda uma criança (por isso a proibimos de agir como quiser, ou seja, namorar)

E2 (Brenda): Não sou mais uma criança, eu cresci (por isso posso agir como bem quiser, ou seja, posso namorar)

Verificamos, assim, que Brenda busca, ao longo do seu texto, construir uma sequência que relate sua experiência, convencendo o leitor a aceitar a justificativa da sua atual ação, persuadindo-o, por fim, a agir, em uma situação análoga, igual ao modo relatado: *não contar, fazendo tudo escondidinho*.

P: Eu não sou mais criança

R: Por isso posso agir abertamente

MAS

Q: Meus pais não conseguem entender que eu cresci

~R: (por isso) eu faço (agora) tudo escondidinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por possibilitar o compartilhar de histórias, sentimentos e perspectivas, o gênero narrativo é muito utilizado no blog, tendo em vista que, pelo seu uso, as adolescentes conseguem não só comentar a postagem, deixando transparecer se concordam ou não com ela, mas, igualmente, expressar sua experiência (argumento mais forte para a validação do seu ponto de vista).

Assim, colocando-se na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo, as adolescentes construíram um texto que relatasse uma experiência vivida dentro da temática da postagem e, desta forma, as apresentasse como um ser experiente e, por isso, credível. Assim, muito mais que simplesmente contar um acontecimento experimentado e/ou um episódio relacionado à temática, as adolescentes buscaram apresentar um texto dotado de valor testemunhal que, por se basear na certeza/verdade de um conhecimento, favoreceu a validação de seus argumentos, persuadindo o interlocutor à conclusão pretendida.

Pelos comentários analisados neste trabalho observamos que as adolescentes persuadem, implicitamente, seu leitor a agir igual à forma narrada, visando solucionar problemas similares. Assim, pelo relato publicado, as adolescentes conseguem dar a seu texto um valor testemunhal que legitima seus argumentos, conduzindo o leitor à conclusão pretendida que, dentre outras formas, poderia ser: *eu já vivi isso, sei o que estou falando, por isso aja do jeito que agi.*

Constatamos assim que os relatos de experiência vivida são, realmente, textos dotados de sentido, uma vez que não só atendem às determinações do contexto de interação, mas, igualmente, aos propósitos comunicativos das produtoras. Nesse sentido, defendemos a utilização do blog como uma ferramenta auxiliar e potencializadora para o ensino e aprendizagem da produção textual.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Júlio César. **A organização constelar do gênero chat**. Disponível em: <www.julioaraujo.com/download/organizacao_constelar_do_chat.pdf>. Acesso: 13 abr. 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria E. G. G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BONINI, Adair. Reflexões em torno de um conceito psicolinguístico de tipo de texto. **Revista Delta**, São Paulo, v.15, n. 2, p. 301-318, 1999.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- KOCH, Ingedore G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contextos, 2003.
- KOCH, Ingedore G. V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. Diário Online, suporte textual ou hipergênero: reflexões acerca da heterogeneidade conceitual do blog. In: SELISIGNO, 7., 2012; SIMPÓSIO DE LEITURA DA UEL, 8., 2010, Londrina, PR. Londrina: UEL, 2010.
- MAGNABOSCO, Gislaine Gracia. **A construção do texto opinativo no hipergênero blog: análise de comentários do blog Papo de amiga da revista Capricho**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Composição tipológica de textos como atividade de formulação textual. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 32-37, 2002a.

_____. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino da língua materna. In: BASTOS, N. M. (Org.). **Língua portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: EDUC, 2002b. p. 201-214.